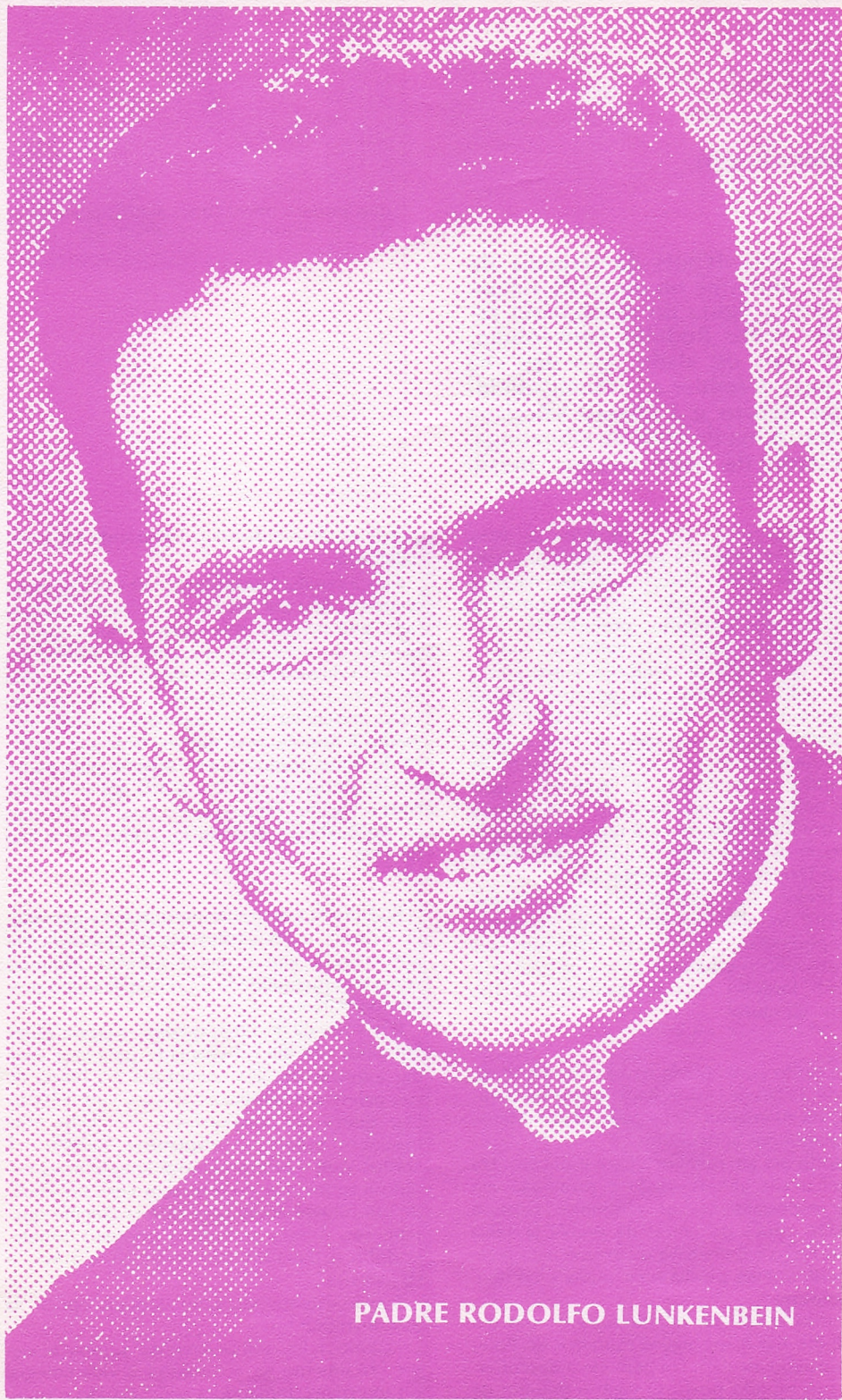


Revmo. Sig. Don Giovanni Vecchi

INSPETORIA SALESIANA SANTO AFONSO



**PADRE RODOLFO LUNKENBEIN**

CAMPO GRANDE - MATO GROSSO - BRASIL



**Queridos irmãos,**

**Meio ano depois da tragédia de Merúri, sinto-me no dever de relembrar-lhes a figura do missionário salesiano Padre Rodolfo Lunkenbein, de 37 anos de idade, que deu sua vida para defender a comunidade indígena bororo e a Missão Salesiana de Merúri, na Prelazia de Güiratinga, no Estado de Mato Grosso, Brasil.**



Sua morte foi no dia 15 de julho de 1976. Voltava ele do trabalho para o almoço, acompanhado de alguns Bororo, quando, na sede da Missão, foi rodeado por um grupo de moradores dos arredores, prejudicados pela demarcação das terras reservadas aos índios. Exigiam que o padre mandasse suspender a demarcação ordenada pelo governo. Diante da negativa do P. Rodolfo e de suas palavras pacificadoras, seguiram-se tiros e uma breve luta entre brancos e índios. Quando os assaltantes se retiraram, P. Rodolfo jazia morto no chão, abatido com três tiros. Morreu ainda um índio bororo e um rapaz branco que viera com os assaltantes. Outros quatro índios ficaram feridos, mas sobreviveram.

Os meios de comunicação divulgaram amplamente os acontecimentos, seu contexto, sua repercussão. Nesta carta creio que será mais proveitoso olharmos para a pessoa mesma do P. Rodolfo, cuja vida testemunha tanto quanto sua morte.

\* \* \*

P. Rodolfo Lunkenbein nasceu no dia 1º de abril de 1939 em Döringstadt, perto de Bamberg, na Alemanha. Seus pais, João e Maria, eram pequenos agricultores.

Rodolfo era um menino alegre e sincero. Era notável a sua generosidade e prontidão em ajudar especialmente os velhinhos. Gostava de rezar. Antes de entrar na escola já sabia rezar o terço e convidava os irmãos para rezarem juntos. Não perdia uma missa e comungava sempre.

Quando estava na quarta série, um dia caíram-lhe nas mãos alguns números do Boletim Salesiano alemão. Foi para ele a descoberta de um mundo novo. O vigário deu-lhe de presente uma vida de Dom Bosco. A figura do santo impressionou tanto o pequeno Rudi que

desde então ele decidiu: haveria de ser padre salesiano.

Mas a família Lunkenbein não tinha grandes recursos. Seu pai estava com a saúde abalada pela guerra. Sua mãe achou muito cara a pensão do internato salesiano de Bamberg. Rodolfo deveria, pois, continuar em casa. Mas ao arrumar a cama do filho, a mãe diversas vezes percebeu que o travesseiro estava molhado. E Rodolfo teve que explicar que chorava de noite porque queria estudar para padre e não podia. Então D.a Maria foi conversar com o vigário. Este escreveu para o aspirantado de Buxheim. Rodolfo foi aceito. Era o ano de 1953.

\* \* \*

Rodolfo foi aspirante exemplar na piedade, no estudo, e principalmente no trabalho. Era um rapagão alto e muito robusto. Algumas vezes sua mensalidade foi reduzida como prêmio de trabalho.

Por volta da 8ª série, quando passava férias em casa, um dia foi chamado pela mãe para dar explicações. Ela encontrara no bolso de seu paletó um bilhete amassado, com a frase: "Eu quero ser missionário". — "Uma mãe descobre tudo!" — respondeu Rodolfo. E contou que o diretor do aspirantado tinha pedido a todos que escrevessem com sinceridade em bilhete anônimo o que realmente queriam ser. Tendo borrado o primeiro bilhete, Rodolfo o tinha enfiado no bolso, e a mãe o descobrira...

Seu assistente salesiano daquela época dá este testemunho:

"Gênio feliz, temperamento sereno e alegre, facilmente se acostumou à vida colegial do internato, tomando a sério estudo e práticas de piedade.

Aberto a tudo que era bom e verdadeiro,



bonito e nobre, tornou-se um bom companheiro de todos os colegas que o apelidaram de Lunke. Nos brinquedos ao ar livre participava com entusiasmo de todos os esportes. Liderava, não só por causa do tamanho físico, mas também pela simplicidade e naturalidade próprias de um bom coração. Nas horas livres, Lunke gostava de colecionar selos, brincar em jogos caseiros e tocar flauta no conjunto da primeira série.

Desde cedo interessou-se pelas missões e, após minha vinda para o Brasil, pedia notícias daqui com frequência”.

\* \* \*

Terminados os estudos fundamentais, Rodolfo começou a realizar seu ideal missionário, completando em nossa pátria sua formação religiosa e sacerdotal. Veio para o Brasil em fins de 1958.

Fez o noviciado em Pindamonhangaba, Estado de São Paulo, em 1959, e a primeira profissão religiosa aos 31 de janeiro de 1960.

A seguir nós o encontramos em Campo Grande, Mato Grosso, para o prosseguimento de seus estudos e de sua formação. Damos a palavra a um de seus superiores daqueles anos:

“O clérigo Rodolfo ficou no Estudantado Filosófico do Instituto Pedagógico São Vicente de 1960 a 1962. As características que o distinguiram eram as seguintes: jovialidade e amizade que o ligaram cordialmente com todos; serenidade e exatidão na prática religiosa e nos estudos; espírito de sacrifício e de dedicação para com a comunidade; muito trabalho, mesmo material, na lavoura e na manutenção da chácara e da casa.

Quantas horas passou sentado num trator, também de noite, para arar, gradear e plantar! Quantas horas sobre o jipe, para levar e trazer mercadoria da cidade! Quantas horas no conserto do motor diesel, do qual dependia o gerador da luz! Quantas horas atrás do “carneiro”, do qual dependia o abastecimento de água para uso da comunidade!

Ficou encarregado por dois anos de ligar, de madrugada, e desligar, em noite já adiantada, o motor do gerador de luz. Com muito zelo e empenho, realizou este trabalho pesado para servir à comunidade. E quando começou o aterro para a nova casa de retiro (1962), foi ele quem dirigiu o trabalho da derrubada das mangueiras, que ocupavam a área, serrando os galhos das grandes plantas com a serra mecânica, vinda, havia pouco, da Alemanha. Em 1962, na época da colheita das laranjas, todas as quartas-feiras e sábados, fazia duas viagens no pequeno jipe para levar o produto do pomar ao mercado de Campo Grande. Com a máxima alegria, o clérigo Rodolfo servia assim à comunidade”.

Fez o seu tirocínio prático de 1963 a 1965 em Merúri. Iniciou assim bem cedo, como jovem clérigo, seu trabalho missionário entre os Bororo.

Em 1966 retornou à Alemanha para comple-

tar seus estudos e sua formação sacerdotal. Curso a teologia no Estudantado de Benediktbeuern. Sobre esse tempo de estudos na Alemanha, assim se manifestou sua mãe:

“Além dos estudos normais, interessava-se em assuntos de construção, jardinagem, agricultura, zoologia, e especialmente do cuidado dos doentes. Lembro que um ano foi ao Instituto Missionário Médico de Würzburg, nas férias de verão, para aprender medicina tropical. Havia ganho o título oficial de professor de natação, tinha licença para guiar qualquer veículo, brevê de aviador e diploma de rádio-amador. Pensava que tudo isso lhe seria útil em seu trabalho missionário. À noite rezava... Rodolfo queria ajudar os indígenas pobres e oprimidos. Não era sua intenção conseguir honras ou um pouco de glória. Silencioso e recolhido, queria cumprir a vontade de Deus no serviço e no amor ao próximo”.

Em 1968 correu a falsa notícia do seu falecimento em desastre de automóvel. Até missa por sua alma chegou a ser celebrada.

Ordenou-se sacerdote em Benediktbeuern no dia 29 de junho de 1969. Voltando da Alemanha para o Brasil, novamente a obediência o destinou à Missão de Merúri. Nos três últimos anos foi Diretor da Missão.

\* \* \*

Na Missão, todos o lembram como uma pessoa sempre afável, sempre sorridente, sempre acolhedora. De grande inteligência e praticidade, trabalhador incansável, sempre disposto a servir a qualquer hora do dia ou da noite, sempre alegre e aberto, não havia pessoa que dele se aproximasse, grande ou pequena, que não se sentisse aceita como pessoa.

Como Diretor, sabia cultivar na comunidade salesiana um verdadeiro clima de família, feito de franqueza, ajuda mútua, simplicidade, alegria.

As Irmãs salesianas que trabalham na Missão lembram-no como verdadeiro pai e irmão.

Principalmente, porém, sua existência foi toda para os índios. Por eles deixou sua família, sua pátria, suas grandes possibilidades de glória humana, entregou sua vida. Amava-os realmente.

Soube estudar, respeitar, valorizar e reavivar a cultura indígena bororo, como elemento básico para a evangelização. Promoveu experiências de adaptação da liturgia à cultura bororo, pela inclusão de alguns de seus ritos e símbolos na celebração do Batismo, da festa do Natal e da Semana Santa.

Acompanhou os índios na defesa de seus direitos, entre os quais o de terem uma terra própria suficiente para sua sobrevivência e crescimento.

Trabalhava com eles até à hora em que foi chamado para o supremo sacrifício. Consumou-o revestido dos paramentos da liturgia de sua vida de missionário: uma roupa manchada de óleo, suor e terra, e finalmente de seu próprio sangue.



Os Bororo o amavam como a um pai. Tentando defender sua vida, um deles morreu e outros quatro ficaram feridos. Nos funerais pintaram com carinho seu rosto com as cores da tribo, ornaram seus restos mortais com os enfeites da tribo, cantaram-no e choraram-no como a um de seus familiares.

Para completar o retrato de nosso querido extinto, aqui vão dois breves trechos de seu último sermão de Natal (1975), que por felicidade foi gravado. O exórdio diz muito do respeito que P. Rodolfo tinha para com a cultura bororo, comparando os cantos indígenas ao redor do presépio ao canto dos anjos na noite santa:

“Nós também aqui presenciamos os louvores desses cantos que os Bororo oferecem ao Criador. Esses cantos inspirados por Deus nestas noites maravilhosas e misteriosas que só o sertão de Mato Grosso pode oferecer. Essas noites em que Deus, através dos séculos, confiou e revelou os seus mistérios aos Bororo nesses cantos e nessas cerimônias maravilhosas, cantados e executadas através dos séculos”.

O final do sermão torna evidente o ideal missionário do P. Rodolfo, como reconciliador de povos, anunciador da fraternidade universal em Cristo. Ideal que, infelizmente, ele não conseguiu ver realizado, e pelo qual deu a vida:

“Temos aqui uma grande representação de nossos vizinhos e amigos da região, mostrando assim que todos nós somos uma única família: índios e civilizados. Mostrando assim que acreditamos todos nós neste Deus Menino, que se tornou nosso irmão, que nasceu, viveu e morreu para que todos nós pudéssemos ser irmãos; para que todos nós pudéssemos viver em paz; para que todos nós pudéssemos ter já nesta terra um pouco de felicidade, símbolo daquela felicidade que um dia haveremos de encontrar na vida eterna”.

Esperamos que, se naquela ocasião não foram compreendidas as suas palavras, que o seja agora seu sangue derramado.

\*\*\*

Em 1974 o P. Rodolfo esteve na Alemanha. Num dos últimos dias antes de sua volta para o Brasil, sua mãe lhe disse: — “Rudi, tome cuidado! Ouvi dizer que há padres que até são torturados”. E ele respondeu: — “Mas, mamãe, não é preciso ter medo! Se quiserem quebrar-me um dedo, estendo para eles as minhas duas mãos. Existe coisa mais linda do que morrer por Nosso Senhor? Mamãe, seria esse o meu sonho”. Ao dizer isso, seus olhos brilhavam como os olhos de um menino que recebe um grande presente de Natal que não esperava. Sua mãe não se lembrava de tê-lo visto assim antes.

Em suas últimas cartas aparecem com frequência alusões à morte. “Também nos dias de hoje um missionário deve estar disposto a morrer para cumprir o seu dever”. “A ajuda que vocês nos deram nos mostra que com-

preenderam claramente o que quer dizer hoje ser cristãos: sacrificar-se com Cristo, sofrer com Cristo, morrer com Cristo e vencer com Cristo, pela salvação de todo o mundo, pelo nosso próximo...” (carta aos seus conterrâneos, 11.08.1975).

Em sua última carta lê-se: “Provavelmente o problema com os nossos fazendeiros será resolvido durante este ano. Dentro de dois ou três meses a reserva será demarcada e depois toda a população branca deverá sair. Naqueles dias poderá haver tiros; alguns já ameaçaram. Será portanto um ano difícil para nós, mas estamos sempre nas mãos de Deus e nós faremos de tudo para evitar injustiças”.

Estes últimos testemunhos foram recolhidos pelo P. Martin Haunolder, Diretor do Josefsheim de Bamberg, dos lábios da mãe do P. Rodolfo, uma senhora cheia de fé e decisão. Falando do assassino, ela disse: — “Eu já o perdoei”.

\*\*\*

Queridos irmãos, creio que a mais realista das celebrações do Centenário das Missões Salesianas, por vontade de Deus, aconteceu em Merúri. Não com festas nem com discursos, mas com o sangue derramado. Nenhuma celebração conseguiu, como esta, tornar conhecidas em todo o Brasil e também no exterior, as Missões Salesianas.

Em Merúri deu sua vida pelos índios o P. Rodolfo. Mas não foi o primeiro. Em nossa Inspetoria precederam-no o P. José Thannhuber (1920) e os P.s João Fuchs e Pedro Sacilotti (1934). No sonho missionário de 1883 (MB 16,389), Dom Bosco entreviu as grandes dificuldades das missões salesianas entre os índios da América do Sul na imagem de figos verdes, colhidos antes do tempo, e que, no entanto, haveriam de amadurecer se fossem banhados no suor e no sangue. Estamos sentindo hoje as dificuldades para o “amadurecimento” do nosso trabalho missionário. Mas o suor de tantos irmãos e o sangue dos nossos quatro mártires renovarão a “teimosia” salesiana e o entusiasmo para continuar.

Que o P. Rodolfo, junto de Deus, continue a cuidar da sua Merúri, dos seus Bororo, dos irmãos e irmãs de lá, e continue a iluminar com seu sorriso otimista e com o testemunho da doação da vida, os caminhos de nossa Comunidade Inspetorial.

Fraternalmente,

P. Walter Bini,  
Inspetor Salesiano.

#### Dados para o Necrológico

P. Rodolfo Lunkenbein, nascido em Dörings-tadt, Alemanha, a 1º de abril de 1939; falecido em Merúri MT, Brasil, a 15 de julho de 1976, aos 37 anos de idade, 16 de profissão e 7 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.